

Campinas, 26 de setembro de 2018

Carta aberta à Congregação do IEL

Nós, discentes do programa de pós-graduação em Teoria e História Literária, profundamente consternados pelas dificuldades socioeconômicas com as quais nos deparamos no decorrer dos anos de pesquisa sem financiamento por parte das agências de fomento, e forçados a conciliar a necessidade de trabalho e o amor pelo estudo e pela pesquisa, viemos a público expor a atual situação financeira da maioria dos alunos do programa.

Chamamos a atenção para o fato de que a manutenção de uma posição de destaque do Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária, por exemplo, CAPES nota 7, só poderá ser mantida com um apoio financeiro consistente para seus mestrandos e doutorandos. Diante do fato elementar de que um programa de pós-graduação é constituído de objeto de pesquisa, orientadores e orientandos – nós, os últimos e sujeitos à vulnerabilidade, concomitante à exigência de qualidade de pesquisa e publicação, propomos não só um debate sobre a situação, como a constituição de um fundo especial para financiamento de bolsas especialmente para os Programas de Pós-Graduação do IEL. Tal fundo seria gerido paritariamente, por docentes e discentes do instituto, com representatividade paritária. Esse gesto garantirá o acesso mais democrático à pesquisa e produção de conhecimento original e autoral, seguramente validado por publicações relevantes.

Em recente artigo publicado pelo jornal Folha de São Paulo, expuseram os reitores das três universidades públicas do Estado:

USP, Unicamp e Unesp – as três universidades constituem um dos maiores patrimônios paulistas. Financiadas com recursos provenientes da arrecadação estadual do ICMS, cumprem com excelência sua missão de formar pessoas altamente qualificadas, de promover o avanço científico e tecnológico, e de transferir os resultados de suas pesquisas para a sociedade na forma de novos produtos, serviços e políticas públicas (Folha de S. Paulo. 17/9/2018, Página A3, Tendências).

Têm razão os três reitores quanto ao cumprimento da missão da universidade. E para melhor cumprir essa missão, as universidades precisam de verba, sim. Mas não pode ser excluída do horizonte a necessidade de um fundo que garanta bolsas para atender à demanda discente, uma vez que os jovens pesquisadores precisam de tempo de investimento em estudo para chegarem ao ponto de estarem “altamente qualificados e capazes de promover o avanço científico e tecnológico”, como anunciado. Nesse sentido, a sobrevivência das universidades públicas paulistas, nas suas estruturas físicas e funções pedagógico-científicas, parece ser alimentada por mais uma substância:

Os chamados fundos patrimoniais, cuja associação a instituições públicas acaba de ser autorizada por medida provisória, apresentam-se como uma interessante fonte adicional de financiamento estável e de longo prazo para as estaduais paulistas. Isso não significa, contudo, que elas devam deixar de lutar por mais recursos oriundos do Tesouro do estado (Idem).

Faz parte do universo científico e tecnológico “transferir os resultados de suas pesquisas para a sociedade” na forma de ensino, cujos os Institutos de Humanidades e Artes exercem um papel fundamental na formação básica dos cidadãos. Reflitamos. Pensar, fazer trabalho crítico, investigativo é necessário para a preservação da história. Mas é preciso mais. É preciso fazer trabalho criativo, novo e transformador. Para tanto, deve ser possível e necessário arriscar-se e saber que aquilo que se pensa não deve estar sempre amarrado a responsabilidades, a limites de factibilidade ou possibilidade de realização estreitados pela penúria. É justamente neste sentido que a arte leva o caos para o seio da ordem. Ou que a pesquisa pode e deve abrir a possibilidade de inserir uma cunha de diferença, ou desordem, para que o conhecimento possa renovar-se, transformar-se, para além de sua preservação e continuidade.

A universidade tem um papel importante na sociedade, que é o de construção de conhecimento, de pesquisa, afora a formação de novos quadros para as mais diferentes funções - sempre entendidas como de responsabilidade intelectual acentuada, sejam os quadros empregados na formação dos mais jovens, portanto no ensino, seja em outras múltiplas funções que requerem informação atualizada, repertório abrangente, formação engajada com um respeito ao cidadão que está na base de todo exercício da cidadania, estimulando sempre - e esta é a função primordial, visceral da universidade, o novo, a criatividade. A universidade é conservação e preservação da memória, é formação, é estímulo para a criatividade e criação.

Este delineamento serve para limitar o âmbito da atuação da universidade. Ela tem um papel que obviamente inclui, já pelos sentidos apontados, o atendimento à comunidade. Mas a comunidade primeira a ser atingida e formada é a própria, aquela que frequenta a universidade nas suas diferentes funções.

Assinam a presente carta,

Amanda Fievet Marques
Ariana Zilioti
Clarissa Catarina Barletta Marchelli
Marcos Roberto Grassi
Mariane Tavares Sousa
Rodrigo Oliveira Salles
~~Pilar Lago e Lousa~~